A DIMENSÃO POLÍTICA DE "VENHA O TEU REINO" NA ORAÇÃO DO PAI-NOSSO

Kinno Alves Cerqueira[1]

Resumo
A oração do Pai-nosso é um dos mais valiosos tesouros da tradição bíblica. Sua beleza literária e teológica sempre fascinou e atraiu, permitindo-se ser abordada pelos mais variados vieses, desde reflexões devocionais a trabalhos de grande envergadura acadêmica. Com o presente trabalho, procurou-se analisar a segunda petição do Pai-nosso – Venha o Teu Reino - com vistas a realçar sua dimensão política. Para isso, analisou-se a expressão Reino de Deus no contexto do povo de Israel, a petição "Venha o Teu Reino" na oração do Pai-nosso e, por conseguinte, a dimensão política dessa petição. A metodologia utilizada consistiu em pesquisa bibliográfica e análise de textos bíblicos. Os resultados obtidos com a presente pesquisa são discutidos.

Palavras-chave: Pai-nosso. Reino de Deus. Política.

Introdução

A oração do Pai-nosso está presente no Novo Testamento em dois lugares[2]: numa redação mais longa em Mateus 6,9-13 e numa mais curta em Lucas 11,2-4.

Segundo Jeremias (1976), os vários grupos religiosos do tempo de Jesus (os fariseus, os essênios e os seguidores de João Batista) distinguiam-se por pequenas fórmulas de oração que resumiam suas respectivas doutrinas, conferindo identidade e unidade a cada grupo em particular. Nesse sentido, o pedido: "Senhor, ensina-nos a orar, assim como João ensinou aos seus discípulos" (Lc 11,1), não significa que os discípulos não soubessem orar, pois desde muito cedo os judeus eram educados rigorosamente na prática da oração e por isso sabiam orar muito bem. Segundo Boff (2013), o pedido do discípulo – *ensina-nos a orar* – representa um torneio linguístico, comum na época, para dizer: "Jesus, dá-nos um resumo da tua mensagem". Jeremias (1976) ainda acrescenta que o pedido dos discípulos de Jesus mostra que eles tinham consciência de constituir uma comunidade

[1] Aluno do curso de Teologia do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil - STBNB (E-mail: kinno_cerkeira@hotmail.com).
[2] A presença de diferenças entre as duas redações do Pai-nosso pode ser explicada, basicamente, por dois motivos: primeiro porque a oração de Jesus foi transmitida e assimilada diversamente nas várias comunidades cristãs do primeiro século (BOFF, 2013); segundo pela diversidade de destinatários (JEREMIAS, 1976). Mateus dirige-se a cristãos de origem judaica, ao passo que Lucas tem em mira cristãos de procedência gentílica. Quanto à extensão, o texto mais breve de Lucas é o mais antigo, mas quanto ao teor verbal comum, o texto de Mateus deve ser considerado o mais antigo (JEREMIAS, 2004). A versão de Lucas conservou o teor primitivo do Pai-nosso sob o aspecto da extensão, mas o texto de Mateus está mais próximo do original na sua formulação da parte comum às duas versões.

messiânica, motivo pelo qual pedem ao Senhor uma oração que será o elemento unificador do grupo e seu sinal distintivo, porque ela exprimirá seus mais profundos e ardentes votos. O Pai-nosso é o mais claro e expressivo resumo da mensagem de Jesus.

A segunda petição do Pai-nosso é o fio estruturador de toda essa oração, pois evoca para dentro da história a irrupção do tempo salvífico de Deus que abarcará todos as esferas da vida, inclusive a esfera política. Eis o clamor pelo advento da grande reviravolta escatológica: “Venha o Teu Reino!”.

A expressão “Reino de Deus”

A expressão “Reino de Deus” vem das palavras hebraicas מָלַךְ /malak/ (reinar), מֶלֶךְ /melek/ (rei) e מַלְכוּת /malkut/ (reino/reinado), as quais foram respectivamente vertidas para o grego *βασιλεύω* /basileuo/ (reinar), *βασιλεὺς* /basileus/ (rei) e *βασιλεία* /basileia/ (reino, reinado), a partir do que se cunhou o termo *βασιλεία τοῦ θεοῦ* /*basileia tou Theou*/ (reino/reinado de Deus), cuja tradução mais comum é Reino de Deus.

A maioria dos teólogos concorda que o tema central da pregação pública de Jesus foi o Reino de Deus, e há razão para isso, pois assim também pensaram os três primeiros evangelistas, visto que todos eles resumem a mensagem de Jesus ao “anúncio da boa nova do Reino” (Mc 1,15; Mt 4,23; Lc 4,43). Ao procederem desta forma, os evangelistas escolheram usar o termo que melhor caracterizasse a mensagem de Jesus. Que o Reino de Deus ocupou o centro da pregação de Jesus, já não há dúvidas. Mas uma pergunta permanece latente: o que Jesus pretende dizer ao anunciar a vinda do Reino de Deus? A resposta a esta questão requer uma pequena digressão.

Com o exílio babilônico e a consequente extinção da monarquia, a esperança de Israel consistia em que, no futuro, Deus edificaria o seu senhorio na condição de rei sobre o seu povo Israel de tal maneira que esse Reino seria visível a todos os povos do mundo (KÜMMEL, 1974). Por isso, o judeu piedoso do tempo de Jesus orava diariamente: “Rei libertador, que ajudas, salvas e defendes...”, “Proclamaremos a realeza de Deus de geração em geração, porque só ele é excelso e santo. [...] porque tu és um Deus rei, grande e santo” / “Olha, te pedimos, para nossa miséria, e defende nossa causa, e salva-nos imediatamente, ó nosso rei, pela

graça de teu Nome, porque tu és Deus poderoso e redentor. Sê bendito, Senhor redentor de Israel” / “Sê bendito, Senhor, rei que amas a caridade e a justiça”, “...que os teus inimigos sejam imediatamente destruídos, que eles sejam prontamente humilhados nos nossos dias”/ “Volta com misericórdia a Jerusalém, tua cidade; reedifica-a como edifício eterno, rapidamente, em nossos dias. Sê bendito, Senhor, que reedificas Jerusalém” / “Que nossos olhos possam ver tua volta a Sião e a Jerusalém, tua cidade, com misericórdia, como era antigamente”. Estes recortes textuais, colhidos da *Tefillah*[3], evidenciam que no seio do judaísmo pulsava a expectativa de que Deus destruiria os inimigos de Israel (os romanos?) e revestiria Israel de empoderamento político.

A geração contemporânea de Jesus compreendia que já no presente Deus estava reinando, mas que esse reinado permanecia oculto aos de fora, visto que Israel estava subjugado a um povo pagão. Por essa razão, era esperada a iminente manifestação desse Reino, ocasião em que se cumpriria a profecia: “Então Iahweh será rei sobre todo o país; naquele dia, Iahweh será o único, e seu Nome o único” (Zc 14,9), pois a extensão do monoteísmo a toda a terra era compreendida como uma das características da era messiânica (Ml 1,11).

Vale ressaltar que raríssimas vezes no Antigo Testamento a palavra “Reino” designa um Reino no sentido espacial ou territorial; todavia, quase sempre designa o poder de reinar, a autoridade, o poder de um rei. Porém, “Reino” jamais deve ser compreendido como uma categoria abstrata, e sim como estando em processo de realizar-se. Assim, “o reinado de Deus não é um conceito espacial nem estático, mas um conceito dinâmico”, ou seja, compreende a soberania real de Deus em ação, oposta a toda soberania no céu e na terra. Mas por que o Reino? Qual a sua marca distintiva em relação às potências do mundo? É fundamentalmente importante

[3] A *Tefillah* (*ha-tefillah*, “a oração” em hebraico) originou-se por volta do século II a.C., mas sua forma final só foi estabelecida por volta do ano 100 a. C., época em que o costume de se recitar a *Tefillah* já estava bastante difundido. Sante (2004) destaca que a *Tefillah* é, depois do *Shemá*, o segundo momento central da prece hebraica. É a prece por excelência da liturgia hebraica. Intimamente ligada ao *Shemá*, ela é, de acordo com a tradição rabínica, recitada logo após a bênção final do *Shemá*, constituindo-se uma unidade, evocando-se e integrando-se mutuamente. A *Tefillah* relaciona-se com o *Shemá*, sendo seu polo complementar. Enquanto o *Shemá* é a iniciativa de Deus para dialogar com Israel, chamando a escutar e obedecer, a *Tefillah* é a resposta de invocação e de reconhecimento. Justamente porque Deus falou a Israel, este pode reconhecê-lo e invocá-lo. Assim, “ao amanhecer, às três da tarde e ao pôr do sol: eram, na época do Novo Testamento, as três horas da oração diária para o povo judeu. Pela manhã e pela noite, se recitava o *Shemá*, acompanhado pelas bênçãos e seguido pela *Tefillah*; pela tarde somente se recitava a *Tefillah*. Para Israel, estes três momentos de oração constituíam um tesouro precioso. Era para todo o povo, a estrutura que assegurava a formação na oração e seu exercício desde os anos de juventude” (Jeremias, 2015, p. 120).

compreender que a marca principal do Reino é que Deus está realizando o ideal da justiça real[4], um ideal sempre ansiado, mas nunca cumprido na terra. Mas o que seria o ideal da justiça real?

> Nas concepções dos povos orientais, assim como para o povo de Israel desde os seus primórdios, a justiça real não consistia primordialmente numa aplicação imparcial do direito, mas na proteção que o rei estende aos desamparados, fracos e pobres, às viúvas e aos órfãos. (JEREMIAS, 2004, p. 162)

Segundo o mesmo autor, havia duas expressões do conceito de Reino de Deus no judaísmo: a) um reinado permanente de Deus no presente, que significa o seu ser Senhor sobre Israel (Dn 4,34) e b) um reinado futuro de Deus no novo *αἰών* /*éon*/ (tempo, era) (Dn 2,44). Deste modo, o judeu que professa o *Shemá*[5] está proclamando o reinado de Deus sobre Israel; o pagão que se converte submete-se ao reinado de Deus. Contudo, no presente de Israel, o Reino de Deus sofria limitações e estava oculto, pois Israel estava sob a servidão dos povos pagãos que rejeitavam o reinado de Deus. Mas os judeus tinham por certo que chegaria a hora em que Israel seria libertado e o Reino de Deus se revelaria em toda a sua glória, e o mundo todo reconheceria a Deus como rei. Pode-se dizer, portanto, que o judaísmo contemporâneo de Jesus confessou a Deus como rei cujo governo se estende, no presente tempo, tão somente sobre Israel, mas que em dado momento da história seria reconhecido por todos os povos.

Diante do exposto, surge uma questão fulcral: como terá Jesus compreendido a expressão Reino de Deus?

A petição “venha o teu reino”

Na oração do Pai-nosso, após a invocação de Deus como Pai, seguem-se as duas primeiras petições: “Santificado seja o teu Nome. Venha o teu Reino”. Jeremias (2004) compreende que estas duas petições estão intimamente ligadas, visto que imploram a mesma coisa, a saber, a revelação do Reino de Deus no final dos tempos. A petição “Santificado seja o teu Nome” traduz a ideia de que assim

[4] Neste trabalho, “justiça real” e “justiça do reino” são assumidas como expressões sinônimas.

[5] O judaísmo contemporâneo de Jesus considerava como sua confissão de fé fundamental o que está escrito em Deuteronômio 6,4: “Ouve, ó Israel, Iahweh nosso Deus é o único Iahweh!” (Dt 6,4). Esta confissão de fé, chamada *Shemá* (*Shemá,* “ouve” em hebraico), estava emoldurada dentro de algumas bênçãos. Recitava-se a confissão de fé de Dt 6,4, seguida dos versículos 5-9 do mesmo capítulo; em seguida Dt 11,13-21; por fim, a oração acabava com a afirmação solene que Deus faz de si mesmo em Nm 15,41 (JEREMIAS, 2015; MORIN, 1988; SANTE, 2004).

como a entronização de um monarca é acompanhada de homenagens, o mesmo acontecerá no advento do Reino de Deus: Ser-lhe-á rendida homenagem e santificado o seu Nome (Ap 4,8; 11,17). Por conseguinte, ambas petições refletem o mesmo desejo: a hora em que Deus manifestará seu Reino (Ez 36,23; Sl 96,7-13).

Conforme Jeremias (2004), em nenhum lugar da mensagem de Jesus o Reino designa o governo permanente de Deus sobre Israel no tempo presente. Antes, o Reino sempre e em todo lugar é entendido escatologicamente, designando o tempo da salvação, a consumação do mundo, algo que vem repentinamente, proporcionando a reconstituição da comunhão de vida entre Deus e o ser humano. Quando, pois, Jesus anuncia: “o Reino está próximo”, isto quer dizer diretamente: Deus está próximo, Deus vem, ele está às portas, até mesmo já está aqui, o novo tempo da salvação já começou (Mt 6,10; Lc 11,2; Mc 9,43-48; Mc 14,25; Lc 13,28s).

Kümmel (1974) destaca mais uma particularidade do modo como Jesus compreendia o Reino de Deus: Enquanto os judeus acreditam que através do cumprimento da lei podiam acelerar a vinda do Reino de Deus, Jesus compreende que o Reino de Deus depende única e exclusivamente da vontade de Deus e que o Reino de Deus virá sem qualquer cooperação por parte dos homens (Mt 24,44.50; Mc 13,32), isto é, que o esforço humano não pode acelerar nem deter a vinda do Reino de Deus. Goppelt (2002) ao mesmo tempo endossa e amplia o ponto de vista de Kümmel: O endossa ao dizer que a vinda do Reino independe da mudança das estruturas[6] do mundo, mas o amplia ao esclarecer que a mudança das estruturas se seguirá como consequência da presença do Reino.

Se o Reino vem sem a participação humana, por que Jesus ensinou os seus discípulos a pedir pela vinda do Reino? A petição “Venha o Teu Reino” é um grito que emerge da mais profunda miséria, pois em meio a um mundo escravizado sob o poder do mal, os discípulos de Jesus clamam pela revelação da glória de Deus.

Paralelamente, esta petição também é expressão de uma certeza absoluta, pois quem assim ora assume com seriedade a promessa divina e entrega-se nas mãos de Deus, plena e confiantemente (JEREMIAS, 2004). O fato de o Reino de Deus estar prestes a irromper, foi o motivo pelo qual Jesus ordenou aos seus discípulos que orassem pela irrupção do Reino. Pois quando Deus estabelecer seu

[6] Na décima primeira prece da *Tefillah*, o Reino é esperado como consequência da modificação das estruturas do mundo. Em contrapartida, no Pai-nosso busca-se em primeiro lugar o Reino de Deus e tudo o que segue é pedido como consequência desse Reino.

Reino, nenhum poder terá condições de separar de Deus os filhos do Reino de Deus (Mt 8,12) (KÜMMEL, 1974). Afinal, o Reino vindouro de Deus não faz surgir apenas a imagem de uma vida futura e nova, mas ilumina também a vida histórica presente. O Reino de Deus é buscado por quem ora e vive no sentido do Pai-nosso. Justamente por isso é que a vinda do Reino já agora influencia a existência no mundo (GOPPELT, 2002).

Nas palavras e ações de Jesus irrompeu no presente o vindouro Reino de Deus (Mt 12,28; Lc 11,20s). Jesus inaugurou o ideal da justiça real: o Reino é dado aos pobres (Lc 6,20), o maior é quem serve (Mc 9,35; Mt 20,26ss), os inimigos devem ser amados (Lc 6,27ss; Mt 5,44ss), os pobres e pecadores podem comer à mesa do rei (Lc 14,12-24), meretrizes e ladrões entram no Reino enquanto os religiosos ficam de fora (Mt 21,31), as mulheres são incluídas (Lc 8,1-3), os perdidos são achados (Lc 19,10), é chegada a hora da salvação para os gentios (Is 2,2s; Mq 4,1s; Mc 11,17), é chegado o tempo da graça (Lc 4,18). A grande reviravolta começou!

Na pregação de Jesus, já agora Deus estabelece o seu Reino e justamente por essa razão já é possível participar da ação salvífica de Deus, aderindo com fé a essa proclamação de Jesus (KÜMMEL, 1974). Ao suplicarem “Venha o Teu Reino”, os discípulos exprimem um compromisso e um sonho: comprometem-se cabalmente com o ideal da justiça real e sonham com a plena realização disso. “Venha o Teu Reino”: eis a afirmação confiante de que a grande reviravolta iniciada caminha resolutamente para a sua consumação.

A dimensão política da petição “venha o teu reino”

A Justiça Real consiste na proteção dos desamparados, pobres, oprimidos, excluídos, marginalizados, invisibilizados, os sem voz e sem vez, os silenciados pelas estruturas opressoras deste mundo. Isto abarca as criancinhas que muitas vezes são alvo dos mais diversos tipos de exploração; as mulheres, que sofrem agressão física e simbólica em nome da preservação de uma cultura androcêntrica e amante do poder; o público formado por LGBT’s[7], que sofrem preconceitos dos mais severos e absurdos; e tantas outras pessoas, filhas e filhos de Deus que neste

[7] Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

momento não têm casa para morar nem um pedaço de pão seco para saciar a fome. São estas pessoas que Jesus chama de “meus irmãos e minhas irmãs” (Mt 25,40).

Os discípulos não esperam passivamente a chegada do Reino, mas clamam para que o Reino venha e, ao fazê-lo, comprometem-se com a justiça do Reino. Abarcados pela esfera do Reino, os discípulos de Jesus formam uma comunidade de resistência frente aos esquemas opressores do mundo. As luzes do Reino invadem suas vidas, conduzindo-as para uma nova direção: “o caminho aberto por Jesus”, onde peregrinos e peregrinas refazem suas relações no descortinar do Reino que oferece um horizonte de igualdade (Mc 10,42-45) e solidariedade (Mt 25,41-45).

Considerações finais

(1) A expressão Reino/Reinado de Deus não é um conceito espacial nem estático, mas um conceito dinâmico, ou seja, compreende a soberania real de Deus em ação, oposta a toda soberania no céu e na terra. (2) O Reino de Deus ocupou o centro da pregação de Jesus. (3) Ao anunciar que “o Reino está próximo”, Jesus diz que Deus está próximo, Deus vem, ele está às portas, até mesmo já está aqui, o novo tempo da salvação já começou. (4) O Reino é substancial e iminentemente revolucionário: sua principal marca é a realização do ideal da Justiça Real. (5) A vinda do Reino independe da mudança das estruturas do mundo, mas as estruturas sempre entram em processo de transformação pela presença do Reino na vida dos discípulos. (6) A petição pela vinda do Reino tem uma dimensão profundamente política, pois constitui-se um grito de *protesto* frente aos reinos deste mundo e um *comprometimento* radical com a Justiça do Reino.

Referências

ALAND, B. et al. (eds.). **O Novo Testamento Grego**. 4ª ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft/Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Escola Bíblica de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2015.

BOFF, L. **Cristianismo: o mínimo do mínimo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOPPELT, L. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2002.

JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

JEREMIAS, J. **O *pai-nosso*: a oração do Senhor**. São Paulo: Paulinas, 1976.

JEREMIAS, J. **Estudos no Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2015.

KÜMMEL, W. G. **Síntese teológica do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 1974.

MORIN, E. **Jesus e as estruturas do seu tempo**. São Paulo: Paulinas, 1988.

SANTI, C. **Israel em oração: as origens da liturgia cristã**. São Paulo: Paulinas, 1989.